



Chuva tira rendimento da safra de cana

Mesmo com moagem maior, início de temporada apresenta produção total menor de açúcar e álcool, aponta Unica

Chuva prejudica a maturação dos canaviais para a colheita; previsões apontam mais nebulosidade para os próximos meses

GITÂNIO FORTES
DA REDAÇÃO

Chuvas além da conta vêm prejudicando o rendimento da lavoura neste início de safra no centro-sul do país. Levantamento da Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar) divulgado ontem mostra que, embora o volume de matéria-prima moída na região tenha crescido 5,19%, a quantidade de produtos obtidos por tonelada de cana processada (conhecida pela sigla ATR) recuou 6,02%. Resumo da ópera: a produção total de açúcar e álcool baixou 1,15%.

O levantamento da Unica comparou o desempenho no centro-sul do início da colheita, em abril, até 1º de junho, em relação a igual período do ano passado. A produção de açúcar caiu 10,77%, para 3,273 milhões de toneladas. A de álcool, somando anidro e hidratado, cresceu 6,15%, para 3,217 bilhões de litros, o que reforça "o perfil alcooleiro" da safra atual, provocado pela demanda por veículos flex.

Em abril, a Unica anunciou previsão de que o centro-sul produza 24,3 bilhões de litros de álcool em 2008/9, mais 19% ante 2007/8. De açúcar, devem ser 28,6 milhões de toneladas, 9% mais.

Com 84 novas usinas desde 2005, a nova oferta no setor desequilibrou o mercado, diz Antonio de Pádua Rodrigues, diretor técnico da Unica. A preferência pelo álcool se deve à possibilidade de "fazer caixa em curto prazo", afirma — algo essencial a empresas com capital de giro restrito.

As previsões para os próximos meses são de mais chuvas e nebulosidade na comparação com a safra passada, o que prejudica a maturação dos canaviais para a colheita. Apesar dos boletins meteorológicos, o mercado avalia ser cedo para cravar produtividade menor para toda a safra.

Momento de pressão

A oferta de início de safra pressiona os preços. Ismael Pereira Júnior, presidente da Orplana (Organização de Plantadores de Cana da Região Centro-Sul do Brasil), diz "até en-



Silva Júnior/Folha Imagem

Colheita mecanizada na região de Sertãozinho (SP); no centro-sul, 61,6% da produção segue para o processamento de álcool

SAFRA DE CANA VEM MAIS LENTA

Unica apura produção total 1,15% menor na temporada 2008/9*

Produtos	Centro-sul			Demais Estados		
	2007/8	2008/9	Variação, em %	2007/8	2008/9	Variação, em %
Cana (mil toneladas)	71.973,4	75.708,0	5,19	24.654,3	24.114,1	-2,19
Açúcar (mil toneladas)	3.668,1	3.273,0	-10,77	1.101,4	907,7	-17,58
Álcool anidro (milhões de litros)	1.025,7	964,6	-5,96	323,0	269,3	-16,64
Álcool hidratado (milhões de litros)	2.005,2	2.252,8	12,34	799,7	810,2	1,31
Álcool total (milhões de litros)	3.031,0	3.217,3	6,15	1.122,8	1.079,5	-3,85
ATR** (mil toneladas)	9.051,6	8.947,7	-1,15	3.078,7	2.798,3	-9,11
Participação de açúcar (%)	42,53	38,39	-9,74	37,54	34,04	-9,32
Participação de álcool (%)	57,47	61,61	7,20	62,46	65,96	5,61

* Com dados apurados e comparados até 1º de junho em 2007 e 2008. ** Quantidade de produtos obtidos por tonelada de cana processada

tender" as cotações do açúcar, mercado com "armazéns abarrotados". A saca de 50 kg está em R\$ 26 em São Paulo. "Mas, para o álcool, não há perspectiva de muita sobra no final da safra. Há, sim, excesso de oferta neste momento."

Perina atribui as cotações rebaixadas para o álcool à "pressão forte dos distribuidores de combustíveis, que atuam no mercado de forma concentrada". Segundo a assessoria de comunicação do Sindicom (Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Combustíveis e de Lubrificantes), cada empresa tem sua estratégia comercial. Por isso, a entidade não se pronuncia especificamente sobre preços.

Para o Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), na semana passada, o preço médio à vista do álcool hidratado combustível pago às usinas ficou em R\$ 0,6390 o litro. As cotações de açúcar e álcool desembocam em um preço de R\$ 31 a tonelada para o produtor de cana, contra custo estimado em R\$ 50.

Para Julio Maria Martins Borges, diretor-executivo da consultoria JOB, a gasolina funciona como estoque de segurança do mercado de álcool. "Se o preço supera 70% do da gasolina, o consumo migra."

Para o andamento da safra, a analista Renata Marconato, da MB Agro, destaca a evolução favorável do consumo, que tende

a deixar o mercado mais ajustado. A Unica relata que as vendas mensais ao mercado brasileiro superam 1,5 bilhão de litros, quando se soma o álcool hidratado ao anidro.

Marcos Escobar, consultor de gerenciamento de risco da FCStone, aponta para a expectativa de que o Brasil exporte até 5 bilhões de litros ao ano — 60% desse volume para os EUA, como complemento à estratégia norte-americana para o álcool de milho.

Manoel Bertone, secretário de Produção e Agroenergia do Ministério da Agricultura, concorda que os preços não remuneraram, a exemplo do que ocorreu no ano passado. "É um comportamento de cotações tí-

pico de uma área em expansão." Segundo ele, o setor dispõe de uma câmara setorial de âmbito nacional que pode ser um fórum para "uma discussão estrutural do setor".

Apontado por Bertone como essencial para que o setor avance em planejamento financeiro, o mercado futuro do álcool ainda "não pegou", diz Arnaldo Correa, da assessoria Archer Consulting. O produto ainda não é considerado uma commodity. Há divergências sobre qualidade e tributação. O ideal é que mais países produzam álcool, até para mais transparência nos preços internacionais.

Economia do setor tem Lula como defensor

DA REDAÇÃO

A atual safra de cana vem sendo ultramonitorada. A questão do trabalho escravo e do uso de mão-de-obra infantil é observada por uma série de entidades. Do ponto de vista ambiental, não há trégua para as queimadas.

Uma grande pressão se relaciona à crise dos alimentos. De funcionários das Nações Unidas a movimentos sociais, o argumento é sempre parecido — o combustível renovável como ameaça à segurança alimentar é um dos motivos da inflação mundial.

O presidente Lula encampou a tese de que o álcool de cana é melhor para o ambiente do que os combustíveis fósseis, derivados do petróleo, e não prejudica a produção de alimentos. A rotação de culturas essencial para manter a produtividade dos canaviais leva à necessidade de plantar lavouras "boas de prato" — como feijão, amendoim e soja.

Em uma série de eventos, como a cúpula da FAO, realizada no começo do mês em Roma, a retórica presidencial vai além. Afirma que o Brasil se preocupa com as florestas, enquanto os países ricos dizimaram as deles. Os críticos escondem das discussões a alta do petróleo e os subsídios agrícolas de países desenvolvidos.

Lula insiste em que o país não pode desperdiçar oportunidades novas — entre elas, as relacionadas aos biocombustíveis. Por isso, quando lançou a política industrial, convocou "todos os brasileiros, sem distinção, para essa batalha", de defendê-los.

Embora não poupe o álcool de milho — que tirou espaço de lavouras para alimentação humana nos EUA —, Lula classificou de "distorção absurda" vincular a crise mundial de abastecimento aos biocombustíveis. (6)